

1 224 000, nos primeiros meses de 1928, apesar do que sua situação financeira era difícil. Paulo Duarte assumiu, em 1929, a chefia de sua redação, e Amador Florence Sobrinho, a secretaria. No Rio, a 17 de julho de 1928, dirigido por José Eduardo de Macedo Soares e com a chefia da redação entregue a Leônidas de Rezende, aparecia o *Diário Carioca*, com redação na praça Marechal Floriano, esquina da rua Alcindo Guanabara; tirava, de início, 5000 exemplares, mas logo ganhou prestígio, montou oficinas próprias e instalou-se à praça Tiradentes, 77, onde permaneceu por vinte anos; seria um dos órgãos principais da campanha da Aliança Liberal.

Ainda no Rio, Mário Rodrigues, rompendo violentamente com Edmundo Bittencourt, fundaria, em 1926, *A Manhã*, matutino vibrante, versátil, bem paginado, com excelente colaboração, contando com o talento do caricaturista Andres Guevara. Em 1929, Mário Rodrigues lançou a *Crítica*, que acompanhou a candidatura oficial de Júlio Prestes. Esse “foliculário catastrófico”, como o chamou Gilberto Amado, que ensaiara na imprensa da província, começando no *Jornal do Recife*, no primeiro decênio do século, fizera-se no *Correio da Manhã* e fora talhado para o jornalismo de oposição. Apoiando uma situação em agonia, suas possibilidades ficavam extraordinariamente limitadas. A *Crítica*, por isso mesmo, terrível nos ataques, violenta, agitada, foi o seu canto de cisne. Mário Rodrigues, entretanto, depois esquecido quase inteiramente, foi uma das figuras mais interessantes e mais características do jornalismo brasileiro, com todos os seus grandes defeitos, de certo modo compensados por uma tarimba e por uma visão de imprensa que poucos tiveram, em seu tempo, e ninguém mais do que ele.

Paralelamente a essa imprensa empresarial que se transformava e que, nessa fase, preparava uma luta política profunda, de sérias conseqüências para a vida do país, continuava a existir, no interior, a pequena imprensa artesanal, sem perspectivas, reduzida a estreitos horizontes, ferozmente submetida ao latifúndio, limitada às questões domésticas e pessoais. Em certos casos, esse tipo de imprensa existia como representação de passado próximo, mesmo em capitais estaduais já com foros de civilização e progresso, remanescentes perdidos de uma época superada. Era, por exemplo, o que acontecia com um jornal de Belo Horizonte: “O grande, o altíssimo poeta servia como redator-chefe do jornal do P. R. M., o velho *Diário de Minas*, que parecia uma espécie de mensagem espírita. Digo isso porque era ainda composto e impresso sem linotipos nem rotativa; ninguém, ou quase ninguém, o lia, e tinha, contudo, inegável influência política. Era o boletim oficioso da Comissão Executiva do poderoso partido situacionista, a famosa ‘Tarasca’, e exprimia, na subtileza dosada dos seus edito-